

Teju Cole

# Todos os Dias São Bons para Roubar

Tradução de Helder Moura Pereira



QUETZAL serpente emplumada | Teju Cole

*para Karen  
e para os meus pais  
e Jeremy e Bibi*

«A janela era uma entre muitas,  
a cidade era uma. Era a única, e foi  
essa que eu deixei para trás.»

MARIA BENET, *Mapmaker of Absences*

«*Ojo gbogbo ní t'ole, ojo kan ní t'olobun.*  
Para o ladrão,  
todos os dias são bons para roubar;  
para quem é assaltado  
um dia basta para o fazer pagar.»

PROVÉRPIO IORUBA



# Um



ACORDO CEDO NESSA MANHÃ em que devia dirigir-me ao consulado. Enquanto junto os meus documentos antes de sair para começar o dia, ligo para o hospital a fim de lembrar que só irei trabalhar na parte da tarde. Depois apanho o metro até à Segunda Avenida e encontro, sem grande dificuldade, o consulado. Ocupa vários andares de um arranha-céus. Uma sala sem janelas no oitavo andar funciona como secção de atendimento dos serviços consulares. A maior parte das pessoas nessa segunda-feira em que lá fui é nigeriana, quase toda de meia-idade. Os homens são calvos, as mulheres têm penteados elaborados, e há duas vezes mais homens do que mulheres. Mas veem-se também rostos inesperados: um italiano bastante alto, uma rapariga com origens no Leste Asiático, outros africanos. Cada pessoa tira uma senha de uma máquina vermelha à entrada da sala inóspita. A alcatifa está suja e tem aquela cor indeterminada de todas as alcatifas dos sítios públicos. Uma televisão numa parede vai passando um noticiário com interferências na imagem. As notícias continuam por mais algum tempo, seguindo-se a transmissão de um jogo de futebol entre o Enyimba e um clube tunisino. Na sala as pessoas preenchem formulários.

Veem-se tantos passaportes azuis, de americanos, como verdes, de nigerianos. A maior parte das pessoas pode ser incluída numa das seguintes categorias: novos cidadãos dos Estados Unidos, cidadãos com dupla nacionalidade, americana e nigeriana, e cidadãos da Nigéria que vão levar os filhos a visitar a sua terra pela primeira vez. Eu pertença ao grupo dos de dupla nacionalidade e estou ali para obter um novo passaporte nigeriano. O meu número é chamado ao fim de vinte minutos. Ao aproximar-me do guiché com os formulários faço o mesmo gesto suplicante que observara noutras pessoas. O jovem de modos bruscos sentado por detrás do vidro pergunta se tenho comigo o vale postal. Não, não tenho, digo eu. Pensava que podia pagar em dinheiro. E então ele aponta para um letreiro colado no vidro: «Não se aceitam pagamentos em dinheiro, apenas vales postais.» Ele tem ao peito uma placa com o seu nome. A taxa de um passaporte novo é oitenta e cinco dólares, como consta do *site* eletrónico do consulado, mas nele nada indica que não se possa pagar em dinheiro. Saio, caminho até ao terminal da Grand Central, a quinze minutos dali, adquiero um vale postal e faço mais quinze minutos de volta. Faz frio cá fora. Quando reentro no edifício, cerca de quarenta minutos mais tarde, a sala de espera está apinhada de gente. Tiro nova senha, passo o vale postal à ordem do consulado e fico à espera.

Um pequeno grupo aglomera-se junto ao guiché de atendimento. Um dos homens implora de forma bem audível quando lhe dizem para ir buscar o passaporte às três:

— Abdul, o meu voo é às cinco, veja lá isso! E ainda tenho de voltar a Boston, por favor, será que não me pode ajudar?

Há um tom adulator na sua voz, mas a sua aparência descuidada, camisola castanha de poliéster e calças castanhas, não ajuda ao sentimento que nele se observa. Um homem em stresse por dentro e por fora. Abdul fala pelo microfone:

— Mas que posso eu fazer? A pessoa que tem de assinar não está presente. Por isso é que lhe disse para vir às três.

— Olhe, veja o meu bilhete. Vá lá, Abdul, veja, por favor. Está aqui escrito cinco horas. Não posso perder este avião. Não posso mesmo.

O homem continua a implorar, ao mesmo tempo que introduz o pedaço de papel por baixo do vidro. Abdul olha para o bilhete com visível relutância e, exasperado, fala em voz mais baixa pelo microfone.

— Que posso eu fazer? A pessoa *não está* aqui. Bom, afaste-se por favor e espere um bocado. Vou ver o que se pode fazer. Mas não prometo nada.

O homem esgueira-se dali e imediatamente vários outros se levantam dos lugares, acotovelando-se em frente do guiché, com os formulários na mão.

— Por favor, eu também preciso do meu com urgência. Peço-lhe por tudo, ponha o meu junto com o dele.

Abdul ignora-os e chama o número seguinte. Alguns continuam a andar de um lado para o outro junto à janela. Outros voltam aos lugares. Um deles, um jovem de boné azul-claro, esfrega os olhos repetidas vezes. Um homem mais velho, sentado algumas filas à minha frente, aperta a cabeça entre as mãos e diz em voz alta para ninguém em particular:

— Isto devia ser uma coisa alegre. Devia mesmo. Voltar à pátria devia ser uma coisa alegre.

Um outro homem, sentado à minha direita, preenche os formulários para os filhos. Informa-me de que o passaporte dele foi renovado há pouco tempo. Perguntei-lhe quanto tempo tinha levado.

— Bom, normalmente são quatro semanas.

— Quatro semanas? Mas eu vou de viagem daqui a menos de três. No *site* eletrónico afirma-se que o processamento dos passaportes demora uma semana.

— É o que devia acontecer, em condições normais. Mas não é isso o que se passa. Quer dizer, é isso que acaba por acontecer, mas só se uma pessoa pagar uma taxa suplementar. Ou seja, é mais um vale postal de cinquenta e cinco dólares.

— Mas nada disso está no *site* eletrónico.

— Claro que não. Mas olhe, eu foi isso que fiz, não tive outro remédio. E ao fim de uma semana tinha o passaporte. São todos uns vigaristas, sabe. Ficam com o vale, de que não passam qualquer recibo, e depois depositam-no numa conta, retirando de lá o dinheiro mais tarde. Vai diretamente para os bolsos deles.

Ele faz um movimento rápido de subtração com as mãos, como alguém a abrir uma gaveta. É o que eu temia: uma espécie de suborno objetivo para se resolver uma situação. Ensaiei mentalmente uma reação para um possível confronto com este tipo de corrupção no aeroporto de Lagos, mas enfrentar em plena Nova Iorque um roubo tão descarado foi um choque para o qual eu não estava preparado.

— Bom, vou insistir para que me deem um recibo.

— Eh, tenha calma, jovem, para quê ralar-se com isso? Eles ficam à mesma com o seu dinheiro e ainda por cima vão castigá-lo, atrasando de propósito a emissão do passaporte. É isso que quer? Não está mais interessado em obter o passaporte do que em provar o seu ponto de vista?

Sim, mas não foi precisamente este tipo de entendimento cúmplice que fez mergulhar o nosso país na maior desgraça? A pergunta fica a ecoar sem resposta no ar entre mim e o meu interlocutor. Já passava das onze quando o meu número foi por fim chamado. Desenrola-se tudo tal como ele me tinha dito. Há uma taxa suplementar de cinquenta e cinco dólares que acresce à de oitenta e cinco dólares, o custo normal de um passaporte. O pagamento deve ser feito em dois vales postais distintos. Saio do edifício pela segunda vez nessa manhã para ir adquirir outro vale postal. Caminho apressadamente e estou exausto quando volto às treze e quarenta e cinco, um quarto de hora antes do fecho. Desta vez não tenho de tirar senha. Avanço em passo apressado até ao guiché e apresento o formulário juntamente com os vales necessários. Abdul diz-me para levantar o passaporte dali a uma semana. Entrega-me um recibo apenas relativo à taxa normal. Pego nele sem dizer uma palavra, dobro-o e ponho-o no bolso. A caminho da saída, junto aos elevadores, há um cartaz parcialmente rasgado que diz: «Ajude-nos a combater a corrupção. Se qualquer funcionário deste Consulado lhe pedir alguma gratificação ou gorjeta, informe-nos por favor.»

Não há qualquer número de telefone ou endereço de correio eletrónico incluído na nota. Por outras palavras, eu posso informar o consulado somente através de Abdul ou de algum dos seus colegas. E além disso é improvável que eles sejam os únicos a participar no esquema. Talvez uns trinta ou trinta e cinco dólares da «taxa suplementar» vão para alguém acima de Abdul. Reparo na expressão de Abdul enquanto saio da sala. Ele está agora empenhadíssimo na assistência a outros requerentes. É uma farsa acrescida de um toque de sofisticação: «Não se aceitam pagamentos em dinheiro.»